

AINDA UMA VEZ – ADEUS!

I

Enfim te vejo! – enfim posso,  
Curvado a teus pés, dizer-te,  
Que não cessei de querer-te,  
Pesar de quanto sofri.  
Muito penei! Cruas ânsias,  
Dos teus olhos afastado,  
Houveram-me acabrunhado,  
A não lembrar-me de ti!

*Canção do Exílio  
Gonçalves Dias*

*Não permita Deus que eu morra,  
Sem que eu volte para lá;  
Sem que desfrute os primores  
Que não encontro por cá;  
Sem qu'inda aviste as palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.*



## Bicentenário Nascimento Antônio Gonçalves Dias 1823 - 2023

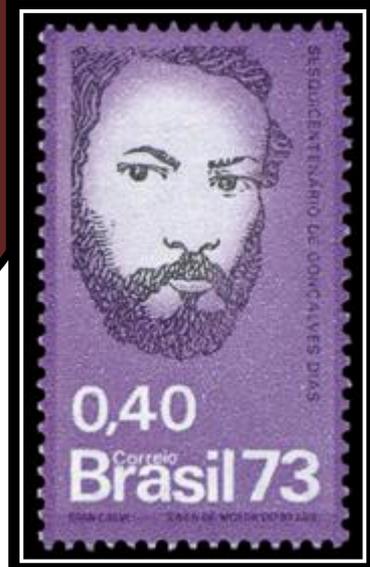
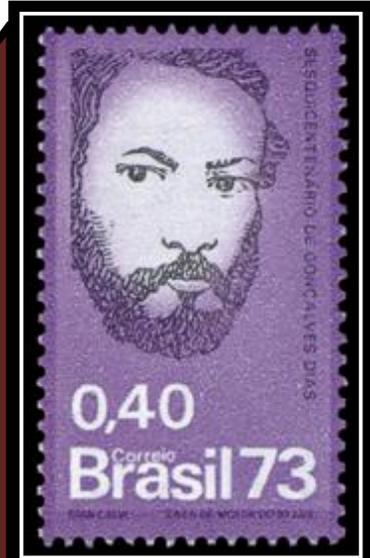
Caxias

Quanto és bela, ó Caxias! - no deserto,  
Entre montanhas, derramada em vale  
De flores perenais,  
És qual tênue vapor que a brisa espalha  
No frescor da manhã meiga soprando  
À flor de manso lago.

I-JUCA-PIRAMA  
Gonçalves Dias

I

No meio das tabas de amenos verdes,  
Cercadas de troncos — cobertos de flores,  
Alteiam-se os tetos d'altiva nação;  
São muitos seus filhos, nos ânimos fortes,  
Temíveis na guerra, que em densas coortes  
Assombram das matas a imensa extensão.



## Introdução

O ano de 2023 marca o Bicentenário de Nascimento de Antônio Gonçalves Dias, nascido no sítio Boa Vista, na época pertencente à Jatobá, distante cerca de 14 léguas da vila de Caxias, Província do Maranhão ao amanhecer do dia 10 de agosto de 1823, em uma tosca choupana de folhas de palmeira. Filho do comerciante português, João Manuel Gonçalves Dias, com a mestiça Vicência Ferreira. Sentia orgulho da sua miscigenação das raças branca, indígena e negra.

Antônio Gonçalves Dias viveu de 1823 a 1869, pouco mais de 41 anos, tendo uma vida curta, porém rica em conteúdo literário.

Tem o seu nome gravado como o mais importante poeta lírico brasileiro. As suas obras são conhecidas tanto no Brasil como no mundo pelo seu alto padrão literário abordando temas variados como saudade, heroísmo, natureza, tradições indígenas. Seus versos, refletem um sentimento verdadeiramente artístico, com forte conteúdo do seu conhecimento sobre os vários temas contidos, na sua vasta produção literária abrangendo poesia, teatro, prosa e romance. Em vários poemas há seu posicionamento contra a escravidão do negro e do índio.

Antônio Gonçalves Dias, foi advogado, professor, jornalista, etnógrafo, teatrólogo e poeta indianista da geração romântica. Publicou entre outras obras: *Primeiros Cantos* (1846), *Segundos Cantos e Sextilhas de Frei Antão* (1848), *Últimos Cantos* (1851), *Cantos: coleção de poesias* (1857), *Os Timbiras* (1857) e *Dicionário da Língua Tupi* (1857). No seu conjunto de obras literárias se evidencia o seu interesse pela Amazônia, ressaltando a sua importância para o Brasil. Também dedicou versos para os índios, expressando a sua admiração e valor do indígena.

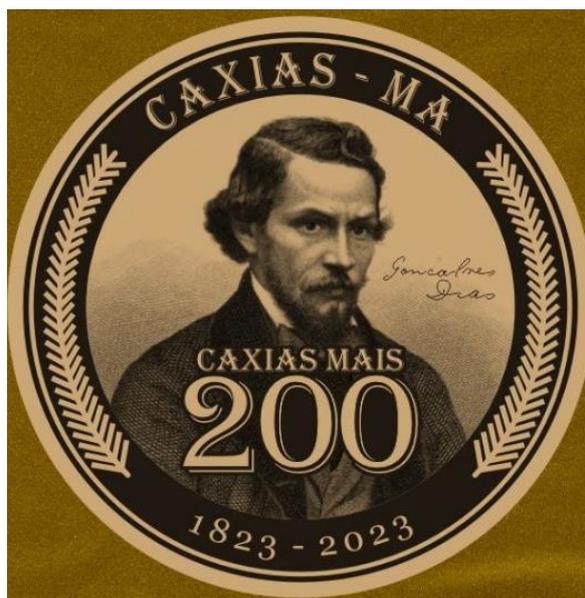
O título de poeta nacional do Brasil, é um reconhecimento ao seu poema “Canção do Exílio”, escrito em Coimbra no ano 1843, onde ressalta o patriotismo e o saudosismo de sua terra natal. É um poema marcante do início do romantismo no Brasil.

Antônio Gonçalves Dias, é reconhecido no cenário literário brasileiro dando nome a cidades, praças, escolas e ruas. É patrono de várias cadeiras de academias literárias brasileiras.

O Dr. Antônio Henrique Leal, seu grande amigo e seu primeiro biógrafo, dedicou em 1874, em sua homenagem, a obra *Pantheon Maranhense* com quatro volumes.

*“A majestade sentimental do assunto corresponde a poesia que murmúrios de certa suavidade prenuncia os doces cantares de Gonçalves Dias”.*

Camilo Castelo Branco



## **Biografia**

**Antônio Gonçalves Dias, filho do comerciante português, João Manoel Gonçalves Dias, natural de Celorico de Bastos do Concelho de Guimarães do Arcebispado de Braga, Trás-os-Montes, Portugal, e de sua companheira Vicência Mendes Ferreira, mestiça, natural do Maranhão, nasceu em 10 de agosto de 1823, no sítio Boa Vista, em Jatobá, próximo da Vila de Caxias, Província do Maranhão, local de refúgio do seu pai à perseguição dos nacionalistas, que haviam ocupado a vila de Caxias desde o dia 1º no contexto da adesão do Maranhão à independência do Brasil. Em 15 de setembro de 1823, foi batizado na Igreja de Nossa Senhora da Conceição em Caxias. O seu pai receoso de sua segurança física se retira para São Luís a fim de embarcar para Portugal onde permaneceu por cerca de dois anos.**



**Em 1825, retornou para Caxias, retomando o seu comércio estabelecido na rua do Cisco, ao lado da sua residência.**

**Em 1829, o seu pai, após a separação de sua mãe, casou com Adelaide Ramos de Almeida com quem teve quatro filhos: José, João Manuel Domingos e Joana, permanecendo Gonçalves Dias no convívio paterno.**

**Em 1830, aos sete anos, foi matriculado na escola do Prof. José Joaquim de Abreu, onde teve o aprendizado das primeiras letras ao longo do ano. A partir do ano seguinte teve seus estudos em casa sob a supervisão do primo Antônio, caixeiro da loja do seu pai, que o instruiu na caligrafia e na aritmética.**

**Com a idade de 10 anos começou a trabalhar na loja do pai como caixeiro e encarregado da escrituração.**

**Reconhecendo o gosto pela leitura de obras literárias clássicas como História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França, de Vasco de Lobeira, e vários outros títulos o seu pai em junho de 1835, matriculou-o, em Caxias, nas aulas de Latim, Francês e Filosofia do Prof. Ricardo Leão Sabino, grande mestre que contribuiu na formação intelectual do jovem aluno precoce.**

**Em maio de 1837, partiram pai e filho para São Luís de modo a prosseguir viagem para Lisboa, o que não ocorreu devido o falecimento de seu pai, por complicação no pulmão, aos treze dias de julho do mesmo ano.**

**Voltou Gonçalves Dias para Caxias onde ocorreu um movimento liderado pelo Prof. Ricardo Sabino objetivando arrecadar recursos pecuniários para garantir a manutenção do jovem em Portugal conforme desejo expresso do seu pai. Na ocasião, a sua madrasta, Sra. Adelaide não concordou com a iniciativa dos amigos, garantindo assim às suas custas, os valores necessários para a viagem e permanência de Gonçalves Dias, em Portugal.**

Em 13 de maio de 1838, Gonçalves Dias, partiu de Caxias com o Prof. Sabino e o ferreiro português Bernardo de Castro e Silva, responsável pelos desembolsos financeiros, durante a permanência, do enteado da Sra. Adelaide, em Coimbra, Portugal.

Após sua chegada em Coimbra, no mês de outubro, Gonçalves Dias matriculou-se no Colégio das Artes, iniciando seu estudos com o Prof. Luiz Ignácio Ferreira, em Latim e Letras Clássicas. No ano seguinte completou os estudos em Latim, Filosofia, Retórica e Matemática Elementar. Manteve endereço residencial na casa do Padre Bernardo Joaquim Simões de Carvalho.

Devido a crise econômica no contexto da Balaiada, revolta popular ocorrida na província do Maranhão, durante o período de 1838 a 1841, Dona Adelaide comunicou ao seu enteado que deveria retornar para o Maranhão, por não dispor de condições financeiras de mantê-lo em Portugal. Diante do comunicado os seus amigos brasileiros: João Duarte Lisboa, Alexandre Teófilo de Carvalho Leal, Joaquim Pereira Lapa e José Hermenegildo Xavier de Moraes se prontificaram a assumir os seus gastos mensais, garantido assim sua permanência em Coimbra para continuar seus estudos.

Em 31 de outubro de 1840, depois de aprovado nos exames preparatórios, confirmou sua matrícula no Primeiro Ano Jurídico da Universidade de Coimbra. Além de cursar as matérias do curso jurídico se dedicou no estudo dos clássicos portugueses, da literatura francesa, da literatura e língua inglesa.

Em 2 de outubro de 1841, matriculou-se no Segundo Ano Jurídico sob o nº 12 e tinha o seu endereço residencial na rua de São Cosme nº 5. Iniciou contatos com o grupo da *Gazeta Literária*, participou da redação do periódico *O Trovador*, revista de poesia. Dedicou à coroação do Imperador D. Pedro II, os seus primeiros versos “A minha primeira poesia”.

Em 7 de outubro de 1842 confirmou sua matrícula no Terceiro Ano Jurídico.

Em 3 de outubro de 1843 confirmou matrícula no Quarto Ano Jurídico.

Em 28 de junho de 1844 graduou-se com o título de bacharel em Direito. Durante sua estada em Portugal ocorreu o seu relacionamento com intelectuais de espírito romântico entre eles Almeida Garret, Alexandre Herculano e Antonio Feliciano de Castilho.

Em janeiro de 1845, Gonçalves Dias foi para o Porto e no mês seguinte embarcou, no brigue-barca Castro II, com destino ao Maranhão. Após trinta e tantos dias de viagem, desembarcou em São Luís, hospedando-se na casa de seu grande amigo, Dr. Alexandre Teófilo de Carvalho Leal, na rua de Sant-Ana nº 58, um sobrado onde residia com a esposa Maria Luiza Leal, seu filho, além de tias e primas. Nesta oportunidade conheceu a jovem Ana Amélia Ferreira do Vale, de 14 anos de idade, cunhada e prima do seu amigo Teófilo, por quem se apaixonou e externou seu grande afeto dedicando a ela as poesias “Seus Olhos”, e “Leviana”.



***“Seus olhos são negros, tão belos, tão puros,  
assim é que são;  
às vezes luzindo, serenos, tranquilos,  
s vezes vulcão!”***

.....

No mês de maio de 1845, viajou para Caxias, para rever sua mãe, familiares e amigos de infância. Em 18 de agosto escreveu a ode o “Cometa” dedicada ao poeta Francisco Sotero Reis. Permaneceu no local, até janeiro de 1846 quando retornou para São Luís. Como membro efetivo da Associação Literária Maranhense publicou nas páginas do, *Jornal Científico e Literário* e *O Arquivo* as suas primeiras poesias.

Permaneceu em São Luís até 14 de junho de 1846, quando embarcou para o Rio de Janeiro no vapor *Imperador* com passagem paga pela Presidência do Maranhão, intermediada pelo amigo Teófilo Leal, junto a Angelo Moniz, Vice-Presidente em exercício. Na sua bagagem constava os manuscritos dos “Primeiros Cantos”, livros de Byron e Felinto e várias cartas de recomendação. Em reconhecimento aos agradáveis momentos vividos com pessoas de seu relacionamento, escreveu o poema: “Adeus aos meus amigos do Maranhão”. Os primeiros versos dizem:



***“Meus amigos, Adeus! Já no horizonte  
O fulgor da manhã se empurplece:  
É puro e branco o céu, - as ondas mansas,  
- Favorável a brisa; - irei de novo  
Sorver o ar puríssimo das ondas,  
E na vasta amplidão dos céus e mares  
De vago imaginar embriagar-me!  
Meus Amigos, Adeus! - Verei fulgindo”***

.....

Após 21 dias de viagem, bastante acidentada, desembarcou no Rio de Janeiro, em 7 de julho de 1846, hospedando-se no hotel L’Univers, da madame Moreau, no Largo do Paço.

Em janeiro de 1847, iniciaram-se as vendas do seu 1º volume de poesias com o título “Primeiros Cantos”, constando no frontispício o ano de 1846, obtendo grande interesse do público do Rio de Janeiro e de vários outros locais bem como o reconhecimento de escritores brasileiros e portugueses, que consideraram a obra de grande valor literário. O grande escritor português Alexandre Herculano, considerou o novo poeta como um dos mais ilustres de sua geração.

Em agosto de 1847, foi contratado como secretário do Liceu em Niterói e docente da disciplina Latim. Em 14 de outubro, do mesmo ano, o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro lhe conferiu o diploma de sócio efetivo. Posteriormente o patronato da cadeira nº 20 do Instituto.

Em junho de 1848 foi publicado o 2º volume de poesias com o título “Segundos Cantos e Sextilhas de Frei Antão”, impressos na tipografia Clássica. Obra muito elogiada pelos leitores e críticos. Nesse ano atuou

como redator dos discursos do Senado para o jornal Comércio e na Câmara fazia extratos das sessões para o Correio Mercantil.

O reitor do imperial colégio D. Pedro II, Dr. Joaquim Caetano da Silva, deu posse a Gonçalves Dias, em 5 de março de 1849, como professor de História Pátria e de Latim.

Em 2 de dezembro de 1849, em sociedade com dois amigos, Dr. Joaquim Manuel Macêdo e M. A. Porto Alegre lançaram o primeiro número da revista “*Guanabara*”, dedicada às ciências, letras e artes. Os três sócios redatores entregaram, pessoalmente, um exemplar da revista ao Imperador D. Pedro II, que agraciou Gonçalves Dias com a medalha Imperial da Ordem da Rosa, ordem honorífica mais significativa do Império do Brasil, criada por D. Pedro I, para homenagear civis e militares por serviços prestados ao império.



Em 1850, com os resultados financeiros de seus trabalhos docentes e literários deixou seu endereço à rua da Misericórdia para um imóvel localizado à rua dos Latoeiros, no centro do Rio de Janeiro, onde foi acometido de febre amarela. Após a sua morte a Câmara Municipal aprovou a mudança desse nome para rua Gonçalves Dias, em homenagem ao grande poeta, que viveu por vários anos nesse local. Em junho deixou de ser sócio da revista Guanabara.

No início do ano 1851, foi lançado o terceiro livro intitulado “Últimos Cantos”, impresso na tipografia de F. de Paula Brito, com forte teor indianista contido nos poemas “I-Juca-Pirama”, “Marabá”, “Canção do Tamoio” e “Leito de Folhas Verdes”.

Em 21 de março de 1851, sob designação do Visconde de Mont`Alegre, Ministro do Império, Gonçalves Dias embarcou para São Luís, na vapor Baiana, para iniciar uma viagem pelas províncias da Bahia, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Maranhão e Pará a fim de examinar nos cartórios dos mosteiros, arquivos de câmaras municipais, secretarias das províncias, documentos relevantes de serem guardados no arquivo público da Corte, como também de estudar a instrução primária, secundária e profissional. Antes do seu embarque, numa festa na fazenda Paraíso, conheceu a jovem Olímpia Coriolana da Costa, com quem se casaria no ano seguinte.

Neste retorno a São Luís, tornou a se encontrar com Ana Amélia Ferreira do Vale, cinco anos após o primeiro encontro em 1846. Deslumbrado por sua exuberante beleza, renasceu a paixão ardente de outrora, provocando o seu pedido formal de casamento, em correspondência dirigida à Sra. Lourença Ferreira do Vale, mãe da jovem, que se encontrava, com familiares, em Alcântara. Com viagem programada para a Bahia, com escala em várias cidades, do nordeste, Gonçalves Dias recebeu no Recife, em janeiro de 1852, onde continuava nos trabalhos de sua missão, uma carta de apenas quatro linhas, da Sra. Lourença comunicando a recusa do seu pedido de casamento com a sua filha o que determinou a escrita do poema: “*Se se morre de amor*”.

***Se se morre de amor! — Não, não se morre,  
Quando é fascinação que nos surpreende  
De ruidoso sarau entre os festejos;  
Quando luzes, calor, orquestra e flores  
Assomos de prazer nos raíam n'alma,  
Que embelezada e solta em tal ambiente  
No que ouve, e no que vê prazer alcança!***

.....

A negativa do seu pedido de casamento provocou um constante sofrimento, até ao fim da sua vida. Em 1 de junho de 1852, chegou no Rio de Janeiro. No mês de julho apresentou o relatório de sua missão junto às autoridades. No mês seguinte iniciou no Instituto Histórico Geográfico Brasileiro a leitura de sua obra “Brasil e Oceania” e oficializou seu noivado com a jovem Olimpia Coriolana da Costa contraindo casamento em 26 de setembro, no Rio de Janeiro, na capela de Nossa Senhora da Glória, no Rio de Janeiro, ela filha do doutor Cláudio Luis da Costa, médico da Academia Real de Medicina, membro do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, diretor do Imperial Instituto de Meninos Cegos, hoje conhecido como Instituto Benjamin Constant. Em 21 de dezembro de 1852, foi nomeado oficial da Secretaria dos Negócios Estrangeiros.

Em 14 de junho de 1854, como oficial da Secretaria dos Negócios Estrangeiros do Império, partiu para a Europa a bordo do vapor inglês *Severn* com a esposa e a cunhada Maria Joaquina, para pesquisar sobre a instrução pública nos países europeus e coletar documentos relacionados com a História do Brasil. Em 10 de julho desembarcou em Lisboa, onde permaneceu até outubro quando se deslocou para Paris. Sua única filha, Joana, nasceu em Paris, em 20 de novembro de 1854.

Em março de 1855, partiu para Lisboa, deixando seus familiares em Paris em companhia do seu sogro, em visita motivada pela saúde precária de sua neta. Durante sua estada na capital portuguesa teve um encontro casual no mês de maio, com Ana Amélia, já casada com o comerciante Domingos da Silva Porto. Desse inesperado encontro resultou o poema:” Ainda Uma Vez – Adeus!”:

I  
Enfim te vejo! — enfim posso,  
Curvado a teus pés, dizer-te,  
Que não cessei de querer-te,  
Pesar de quanto sofri.  
Muito penei! Cruas ânsias,  
Dos teus olhos afastado,  
Houveram-me acabrunhado  
A não lembrar-me de ti!

.....

Por ter recebido nomeação para comissário do Brasil à Exposição Internacional de Paris, retornou em companhia do engenheiro Guilherme Capanema e o capitão-tenente Raja Gabaglia para a capital francesa.

**Em 10 de março de 1856, Gonçalves Dias acompanhou a esposa, a filha, a cunhada e o sogro, no embarque no porto de Havre, no regresso ao Brasil. No dia 24 de agosto, do mesmo ano, ocorreu o falecimento de sua filha, no Rio de Janeiro. Após quatro anos de casados a união do casal foi rompida.**

**Ao longo do corrente ano recebeu a notícia de sua nomeação para chefiar a equipe de Etnografia componente da Comissão Científica de Exploração com o objetivo de pesquisar os recursos naturais das províncias do Norte do Brasil. Com recursos financeiros disponíveis Gonçalves Dias e Gabaglia iniciaram as compras de livros e equipamentos de suporte para a Comissão. Em novembro recebeu do ministro do Império a ordem de transferir para João Francisco Lisboa a continuidade da pesquisa de documentos nos arquivos europeus.**

**Em 1857, na Alemanha, manteve contato com o livreiro-editor Brockhaus, para acertar detalhes do lançamento de três livros de sua autoria: “*Cantos*”, os “*Timbiras*” e o “*Dicionário da Língua Tupi*”, os quais foram publicados durante o ano. De Dresden enviou correspondências, para o imperador D. Pedro II, relatando sobre o andamento das pesquisas.**

**Em agosto de 1858 embarcou em Southampton para o Rio de Janeiro no vapor Tamar. Desembarcou no destino final em 3 de setembro. Ciente de suas atividades na seção Etnográfica, responsável pelo estudo das riquezas das províncias do norte do Brasil, dedicou-se ao estudo de craneologia, galvanoplastia para modelar os pés e mãos de indígenas, fotografia, química, física e fisiologia.**

**Em 26 de janeiro de 1859, embarcou juntamente com os demais membros da Comissão Científica, na vapor Tocantis, com destino a Fortaleza, onde desembarcou em 4 de fevereiro. A partir de 19 de fevereiro passou ao nível de 1º Oficial da Secretaria dos Negócios Estrangeiros. Em meados de março iniciou visitas a Pacatuba, Acarape, Baturité, Canindé, Quixeramobim e Quixadá.**

**Em princípios de 1860, estava em Icó, seguiu para o Crato onde pesquisou os arquivos da Missão Velha. Em prosseguimento percorreu parte da Paraíba e do Rio Grande do Norte, retornando para o Ceará. Por não ter encontrado tribo indígenas consideradas puras, resolveu se deslocar para a província do Amazonas de modo a continuar seus estudos etnográficos nos aspectos físico, moral e social.**

**Iniciou o seu deslocamento para São Luís onde permaneceu por alguns meses de setembro de 1860 a janeiro do ano seguinte. Manteve residência na casa do amigo Dr. Antônio Henriques Leal. Em visita ao Mearim ficou hospedado no engenho Pixanaçu de Alexandre Teófilo. Seguindo para Caxias, permaneceu um mês e meio com sua mãe e amigos. Foi apresentada a sua candidatura a deputado geral o que acabou não se oficializando.**

**No início de 1861, embarcou para Belém, do Pará, de onde continuou viagem no dia 10 para Cametá no Pará. No dia 17 subiu o rio Amazonas, no vapor Paraná, com destino a Manaus onde chegou em final de fevereiro. De imediato, teve que lancetar as escrófulas do pescoço. Sua saúde estava debilitada pela tuberculose.**

**O Presidente da Província, Manuel Clementino Carneiro da Cunha, nomeou-o, em 28 de fevereiro, visitador das escolas do Solimões.**

Após um curto período de descanso Gonçalves Dias, iniciou a sua primeira viagem amazônica num vapor da Companhia do Amazonas visitando Baena, Coari, Tefé, Fonte Boa, Tonantins, Olivença, São Paulo e Tabatinga no Brasil e várias cidades da Amazônia peruana, com duração de aproximadamente um mês.

Em 6 de julho, no vapor de guerra Pirajá, partiu para uma nova excursão pelo rio Madeira com mais conteúdo etnográfico. Coube também a missão de inspecionar escolas primárias e diretorias de índios.

Em 15 de agosto iniciou a sua terceira expedição, no mesmo vapor que o transportou no Madeira, percorrendo o rio Negro. Foi a mais longa de duração, com cinquenta e cinco dias, e a mais amplamente narrada e detalhada.

As viagens de estudos no Amazonas foram amplas, percorrendo imenso território e alcançando regiões do Perú. As descrições etnográficas constantes nos seus relatórios refletem conteúdo no tocante a observação e descrição da diversidade linguística dos indígenas do rio Negro, como seus aspectos culturais no tocante das vestimentas, ornamentos rituais, dentre outros.

Presidiu a comissão encarregada de reunir objetos de produção da província do Amazonas para serem exibidos no Rio de Janeiro, durante a Exposição dos Produtos Naturais e Industriais, sob o patrocínio do Governo Imperial, programada para o mês de dezembro de 1861.

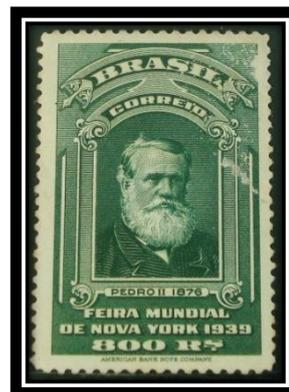
Em 25 de outubro de 1861, Gonçalves Dias, comunicou na imprensa local a sua despedida da Província do Amazonas pelo motivo do seu retorno ao Rio de Janeiro.

Não veio o poeta diretamente para o Rio. Optou por parar em São Luís onde desembarcou em 12 de novembro, permanecendo alguns dias em companhia de seus amigos. Chegou ao Rio em 7 de dezembro, pelo navio Tocantis, trazendo consigo os manuscritos incompletos da obra “Os Jesuítas”. Sem fixar residência com a esposa Olimpia hospedou-se num hotel realizando visitas ao sogro e a própria conjugue. Resolveu vários assuntos burocráticos conseguindo três meses de licença com vencimentos. Providenciou sua viagem para São Luís em busca de melhoras do seu grave quadro de saúde diagnosticado por médicos consultados no Rio.

Em 7 de abril de 1862 embarcou no vapor Apa com destino ao Maranhão. Na escala no Recife o seu médico Dr. Sarmiento lhe recomendou que não deveria seguir viagem para a sua terra natal e sim se deslocar para a Europa em busca de tratamentos adequados às suas doenças. Em concordância com a recomendação médica, no dia 18 às 2 horas da tarde, sexta-feira santa, Gonçalves Dias embarcou no brigue francês *Grand Condé*, com autorização do proprietário do navio Sr. M. Teste, partindo no dia 20 às 6 horas da manhã com destino a Marselha na França, viagem que durou 55 dias. Pelo falecimento de um tripulante durante a viagem, o desembarque em 14 de junho ficou impedido para atender o cumprimento da quarentena. O



consignatário do brigue comunicou ao Sr. Teste, no Recife, o passamento do passageiro Gonçalves Dias. O Jornal do Recife divulgou a notícia e em poucos dias todo o Brasil tomava conhecimento do falso ocorrido. A 24 de julho, o Imperador D. Pedro II, presidia a sessão do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, quando lhe foi transmitida a notícia do falecimento de Gonçalves Dias. De imediato suspendeu a sessão em homenagem ao poeta finado. Em todo território brasileiro celebraram-se ofícios fúnebres.



Ao tomar conhecimento do seu óbito, o poeta enviou correspondência ao Jornal do Recife, desmentindo o fato afirmando categoricamente: “É mentira! Não morri! Nem morro, nem ei de morrer nunca mais – *Non Omnis moriar*”.

Gonçalves Dias permaneceu na Europa de junho de 1862 até setembro de 1864 buscando tratamento em várias cidades da França, Alemanha, e Bélgica. Em 1862, quando permaneceu alguns meses em Lisboa conseguiu concluir a tradução da obra “*Noiva de Messina*” do poeta e dramaturgo Friedrich Schille, um dos expoentes do classicismo alemão. No mês de junho de 1864 recebeu de José Bonifácio, o Mõço, ministro de Império, o comunicado da dispensa de seus serviços nos arquivos europeus.

Antes de seu retorno para o Maranhão escreveu, em Paris, os seus últimos versos “Minha Terra!” onde resumiu os seus momentos no estrangeiro:



Quanto é grato em terra estranha  
Sob um céu menos querido,  
Entre feições estrangeiras,  
Ver um rosto conhecido;

Ouvir a pátria linguagem  
Do berço balbuciada,  
Recordar sabidos casos  
Saudosos – da terra amada!

Em 9 de setembro de 1864, gravemente enfermo embarcou no porto francês do Havre, no navio Ville de Boulogne, acompanhado do Sr. Vasconcelos Drummond, ex-ministro do Brasil em Roma e em Lisboa, residente em Paris, que recomendou ao comandante do navio cuidados especiais para o único passageiro embarcado. No dia seguinte partiu para São Luís do Maranhão com previsão de cinquenta e três dias de viagem. Sem nenhum acompanhante para lhe ajudar dependia, exclusivamente, da tripulação no atendimento de suas necessidades básicas. Com o passar dos dias já não conseguia comer se limitando a ingerir apenas água com açúcar.



No dia 2 de novembro de 1864, foi avistado terras do Maranhão e neste momento o poeta solicitou ajuda da tripulação para acessar a cobertura do navio de modo a ver a sua terra tão amada. A emoção provocou um desmaio. Na madrugada do dia 3 o navio colidiu nos baixios dos Atins, Tutoia, costa da vila de Guimarães, ocorrendo um encalhe e partindo-se ao meio resultando o naufrágio do Ville de Boulogne.

Pela proximidade do litoral todos os 13 tripulantes conseguiram se salvar. Sem condições físicas de se movimentar e na confusão do naufrágio, morreu Gonçalves Dias aos 41 anos de idade, por afogamento. O seu corpo nunca foi encontrado. O seu desejo de ser enterrado na sua terra natal não se concretizou. Coube ao mar o seu túmulo eterno.

O falecimento do poeta colocou o Brasil em luto. Cerimônias religiosas, em sua memória, foram celebradas, com muito sentimento, por aquele que elevou tão alto este país.

O Presidente da Província do Maranhão e o chefe da polícia interino determinaram diligências, no local, para encontrar o corpo e pertences de Gonçalves Dias. Uma recompensa em espécie foi oferecida, como prêmio, para quem encontrasse o corpo e os itens desaparecidos.

Os tripulantes do Ville de Boulogne foram considerados culpados pela morte do poeta que o teriam abandonado. Um inquérito policial foi aberto para investigar o que causou o falecimento de Gonçalves Dias.

A partir de 10 de novembro de 1864, iniciaram na presença do chefe da polícia interino, Dr. Sebastião José da Silva Braga, e do interprete autorizado, os interrogatórios e depoimentos da tripulação do brigue francês, "Ville de Boulogne", acerca do naufrágio deste e da morte do poeta Antônio Gonçalves Dias. O capitão Etienne Eguidazu, o imediato Pierre Gaignaux, o mestre do navio Perroquim, o cozinheiro Laumonier, o moço da câmara François Roquet, e os marinheiros: Pierre Gaignaux, Elvir Etienne, Barrier, Morin, Jean Turbian, Lirond Luis, Leger e Jean Gueme foram interrogados sobre o naufrágio do navio e do falecimento do Dr. Gonçalves Dias que vinha de passageiro. A respeito do ocorrido no navio, os depoimentos dos tripulantes destacaram que às 4 horas da madrugada, do dia 3 de novembro de 1864, o navio bateu nos baixios de Atins, partindo-se ao meio e só depois de várias tentativas de colocá-lo a salvo, sem sucesso, é que às 7 horas embarcaram na chalupa que já flutuava no convés. Não conseguiram salvar o poeta devido a câmara se encontrar, totalmente coberta de água, impedindo o acesso ao camarote do poeta.

Em homenagem póstuma ao vate maranhense o periódico literário Eco da Juventude iniciou nas suas páginas a campanha pela construção do monumento ao Gonçalves Dias.

Em 10 de agosto de 1872, em São Luís, no adro da igreja de Nossa Senhora dos Remédios, ocorreu a cerimônia solene de lançamento da pedra fundamental do monumento em homenagem a Gonçalves Dias a ser construído com verbas de uma subscrição pública. A ideia do monumento é atribuída ao Dr. Antônio Henriques Leal, amigo pessoal do poeta. A comissão constituída para a execução do monumento foi composta dos membros: Dr.

**Alexandre Teófilo de Carvalho Leal, Augusto Gomes de Castro e Felipe Franco de Sá.**

**Em 1 de fevereiro de 1873, foi assinado o Decreto Imperial nº 2098, concedendo a isenção de direitos aos materiais importados necessários para o monumento, estátua coluna pedestal, a ser erigido em homenagem ao poeta Gonçalves Dias, na cidade de São Luís, na capital da província do Maranhão.**

**Em 7 de setembro de 1873, ocorreu a inauguração do monumento, localizado no largo dos Remédios, na forma de um tronco de palmeira de mármore branco, medindo da base ao topo 15,5 metros, com a estátua de Gonçalves Dias de 2,8 metros. Da mão direita estendida para baixo, pende uma coroa de louros; a esquerda, à altura do peito segura um rolo de papeis; ao pé do poeta, a lira e a máscara. Embaixo do pedestal, os medalhões de Odorico Mendes, João Lisboa, Gomes de Sousa e Sotero dos Reis, representando a poesia, o pensamento, a ciência, a gramática respectivamente. Acima da esfinge de João Lisboa está a epígrafe com os dizeres: “OS BRASILEIROS A ANTÔNIO GONÇALVES DIAS HOMENAGEM AO GÊNIO POÉTICO. O monumento foi projetado pelo escultor português Pedro Carlos Quadro dos Reis e executado, nas oficinas de Germano José Sales.**



**O monumento é uma homenagem a Gonçalves Dias, um dos maiores poetas do Brasil, reconhecido pela sua valiosa produção literária.**

**Em 07 de setembro de 1922, em Caxias, foi inaugurado a Praça Gonçalves Dias, com um busto do poeta em bronze. Em 1998, um novo monumento em tamanho natural, substituiu o busto anterior.**

**Além de grande poeta Antônio Gonçalves Dias, foi advogado, jornalista, etnógrafo, teatrólogo, diplomata, estudioso da língua Tupi, historiador, prosador.**

**Por sua imensa contribuição literária é Patrono da cadeira 15 da Academia Brasileira de Letras, por escolha do fundador Olavo Bilac, Patrono da cadeira 20 do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Patrono da cadeira nº 7 da Academia Maranhense de Letras, Patrono da cadeira nº 7 da Academia Maranhense de Trovas, Patrono da cadeira nº 8 do Instituto Histórico Geográfico do Amazonas, Patrono da cadeira nº 3 da Academia Amazonense de Letras. Membro da Real Academia das Ciências de Lisboa, Membro do Instituto Dramático de Coimbra, Membro da Sociedade dos Antiquários do Porto, Sócio Honorário Correspondente do Gabinete Português de Leitura de Pernambuco, Cavaleiro da Ordem da Rosa.**

**Camilo Castelo Branco proclamou que “ele morreu coroado imperador da lira americana; sumiu-se tragicamente no mar, como Elias no azul”.**

Além de poesia, escreveu romance, peças de teatro crônica literária, folhetins teatrais, crônica urbana, etnografia, história e o “Dicionário da Língua Tupi”. Produção literária intensa para um escritor que morreu aos 41 anos. No conjunto de suas obras usou variedade de ritmos e versos, empregou muitas vezes a linguagem arcaica como nas Sextilhas de Frei Antão. Os poemas indianistas corroboram sua arte no indianismo. O poeta publicou em jornais e revistas algo em torno de setenta textos abordando: folhetins teatrais, líricos, crítica literária, e crônica urbana. A sua produção folhetinesca foi reunida no livro “Crônicas Reunidas” da Academia Brasileira de Letras, organizado por Luís Antônio Giron, em 2013.

Gonçalves Dias contribuiu para marcar a identidade da literatura brasileira, rompendo com os precedentes literários. No seu conjunto de obras destacam-se:

#### **CANTOS**

Primeiros Cantos; Segundos Cantos e Sextilhas de Frei Antão; Últimos Cantos; Os Timbiras; Novos Cantos acrescentados nos Cantos publicados em Leipzig.

#### **LIRA VÁRIA**

Outros Poemas e Variantes Principais; Versos Póstumos; Poesias Traduzidas.

#### **TEATRO**

Patkull; Beatriz Cenci; Leonor de Mendonça; Boabdil.

#### **PROSA ESCOLHIDA**

Meditação; Memórias de Agapito; Um Anjo.

#### **DICIONÁRIO**

Dicionário da língua Tupi.

#### **ETNOGRAFIA E HISTÓRIA**

O Brasil e a Oceania; Viagem pelo Rio Amazonas; História da Pátria.

O Dr. Antônio Henriques Leal, deputado da Assembleia Provincial do Maranhão, publicou em seis volumes o conjunto das obras inéditas de Gonçalves Dias.

## **Obras de**

**Antônio Gonçalves  
Dias**



“Estava na redação do Diário do Rio, quando ali entrou um homem pequenino, magro, ligeiro. Não foi preciso que me dissessem o nome, adivinhei quem era. Gonçalves Dias! Fiquei a olhar, pasmado, com todas as minhas sensações e entusiasmos da adolescência. Ouvia cantar em mim a famosa Canção do Exílio”.

Machado de Assis

**Primeiros Cantos** foi o livro que marcou o início de sua carreira literária. Foi impresso no Rio de Janeiro em 1846 e distribuído no início de 1847. De imediato a obra foi elogiada por críticos e leitores tanto do Brasil como de outros países. O grande escritor português Alexandre Herculano registrou o seu elogio num texto intitulado: *“Futuro Literário de Portugal e do Brasil”*, publicado na Revista Universal Lisbonense em 1847. Na reimpressão dos **Primeiros Cantos**, em 1857, foi incluído, como prefácio, o texto de Alexandre Herculano.

No Prólogo é apresentada a justificativa do título do seu primeiro livro: *“Dei o nome de **Primeiros Cantos**”* às poesias que agora público, porque espero que não serão as últimas”.

É dividido em duas partes, a primeira denominada *“Poesias Americanas”* com seis poemas, a segunda contém duas seções: *“Poesias Diversas”* e *“Hinos”* num total de 40 poemas. Os títulos são:

#### **POESIAS AMERICANAS**

**Canção do Exílio; O Canto do Guerreiro; O Canto do Piága; O Canto do Índio; Caxias ; Deprecação; O Soldado Espanhol.**

#### **POESIAS DIVERSAS**

**A Leviana; A Minha Musa; Desejo; Seus Olhos; Inocência; Pedido; O Desengano; Minha Vida e Meus Amores; Recordação; Tristeza; O Trocador; Amor! Delírio-Engano; Delírio; Epicédio; Sofrimento; Visões; A Cruz; Pssamento;; A Morte; O Vate; A Morte Prematura; A Mendiga; A Escrava Ao Dr. João Duarte Lisboa Serra; O Desterro de um Pobre Velho; O Orgulhoso; O Cometa; O Oiro; A Um Menino; O Pirata; A Vila Maldita; Cidade de Deus; Quadras da minha Vida.**

#### **HINOS**

**O Mar; Ideia de Deus; O Romper D`Alva; A Tarde; O Templo; Te Deum; Adeus aos meus Amigos do Maranhão.**

O primeiro poema *“Canção do Exílio,* é considerado o mais belo, o mais conciso e o mais popular de todos os poemas líricos brasileiros.

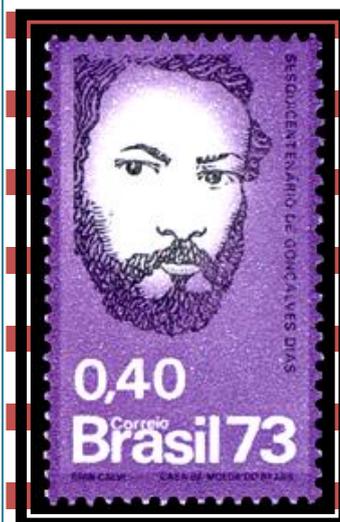
*“Primeiros Cantos são inspirações de um grande poeta”.*

**Alexandre Herculano**

## **PRIMEIROS CANTOS**

**Gonçalves Dias**

**1846**



### **Canção do Exílio**

Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá;  
As aves, que aqui gorjeiam,  
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,  
Nossas várzeas têm mais flores,  
Nossos bosques têm mais vida,  
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,  
Que tais não encontro eu cá;  
Em cismar — sozinho, à noite —  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,  
Sem que volte para lá;  
Sem que desfrute os primores  
Que não encontro por cá;  
Sem qu'inda aviste as palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.  
Coimbra, julho, 1843.

Em 1848, o livro “Segundos Cantos” foi, impresso na Tipografia Clássica, no Rio de Janeiro incorporando a obra: “Sextilhas de Frei Antão”. Juntos consolidaram sua carreira literária por ter alcançado críticas positivas.

Agrega poemas de vários gêneros e temas como elegia, idílio, lírico, nacionalista, indianista, épico amoroso.

Na segunda coletânea de poemas Gonçalves Dias introduziu poesias escritas em português arcaico com o título: “Sextilhas de Frei Antão”. No prólogo destacou a importância de integrar as duas literaturas – Brasileira e Portuguesa por serem semelhantes e parecidas. Segundo o seu amigo e biógrafo, Antônio Henriques Leal, as “Sextilhas” foram escritas para contestar os censores do Conservatório Dramático do Rio de Janeiro, que não liberaram a peça “Beatriz Cenci”, para exibição no teatro, por seu conteúdo apresentar galicismos e defeitos gramaticais.

O “Segundos Cantos” é dividido em duas partes: a primeira é um conjunto de poemas que obedece o mesmo estilo de sua primeira obra, no tocante a metrificação, a rima e o verso. A segunda é um ensaio segundo os princípios da filologia. Os conteúdos dos dois componentes do livro são:

## SEGUNDOS CANTOS

Consolação nas Lagrimas; Canção; Lira; Agora e Sempre; A Virgem; O Donzel; Rosa no Mar; O Amor; Sempre Ela; Mimosa e Bela; As Duas Amigas; Sonho; Harmonias; O Bardo; Solidão; A um Poeta Exilado; Palinódia; Os Suspiros; Queixumes; Ao Aniversário de um Casamento; Canto Inaugural; A Desordem de Caxias; Tabira (Dedicada aos Pernambucanos); Tabira (Poesia Americana).

## HINOS

A Luz; A Noite; A Tempestade.

## SEXTILHAS DE FREI ANTÃO

Loa da Princesa Santa; Gulnare e Mustafá; Lenda de S. Gonçalo; Solau do Senhor Rei D. João; Solau de Gonçalo Hermignes.

**SEGUNDOS CANTOS e  
Sextilhas de Frei Antão**

**Gonçalves Dias**

**1848**



## As Duas Amigas

Já vistes sobre a flor de manso lago  
Duas aves brincando solitárias,  
Já pousadas na lisa superfície,  
Já levantando voo?

Já vistes duas nuvens no horizonte,  
Branças, orladas com listões de fogo,  
A deslumbrante alvura cambiando  
Ao pôr de sol estivo?

Já vistes duas lindas mariposas,  
Abrindo ao romper d'alva as longas asas,  
Onde reflete o sol, como em um prisma,  
Belas, garridas cores?

Nem as pombas que vagam solitárias,  
Nem as nuvens do ocaso, nem as vagas  
Borboletas gentis que adejam livres  
Em vale ajardinado:

Tanto não prazem, como doces virgens,  
Airosas, belas, com sorrir singelo,  
Da vida negra e má duros abrolhos  
Impróvidas calcando.

Quanto há no mundo d'ilusões fagueiras,  
De perfume e de amor, guardam no peito,  
Quanto há de luz no céu mostram nos  
olhos,  
Quanto há de belo — n'alma.

Como um jardim seu coração se mostra,  
Seus olhos como um lago transparente,  
Sua alma como uma harpa harmoniosa,  
Seu peito como um templo!

.....

O terceiro livro, “Últimos Cantos”, foi publicado em 1851, no Rio de Janeiro. Os poemas são distribuídos em Poesias Americanas, Poesias Diversas e Hinos com temáticas diversas, como o indianismo, o bucolismo, o amor entre outras.

Nele estão incluídas algumas obras mais célebres do poeta como: "Leito de folhas verdes", "I-Juca-Pirama"(o que é digno de ser morto) "Marabá" e "Canção do Tamoio". Obras que exaltam a coragem e a valentia do índio, com destaque para “I-Juca-Pirama”, considerado o melhor poema épico indianista, desenvolvido em dez cantos, com 484 versos, que narram o protagonismo de um guerreiro tupi, contra os timbiras.

#### POESIAS AMERICANAS

**O Gigante de Pedra; Leito de Folhas Verdes; I Juca Pirama; Marabá; Canção do Tamoio; A Mangueira; A Mãe d'Água.**

#### POESIAS DIVERSAS

**Nênia; Olhos Verdes; Cumprimento de um voto; Lira Quebrada; A Pastora; A Infância; Urge o Tempo; Sobre o Túmulo de um Menino; Menina e Moça; Como Eu Te Amo; As Duas Coroas; Harpejos; Triste do Trovador; Velhice e Mocidade; As Flores; O Que Mais Dói na Vida; Flor de Beleza; O Anjo da Harmonia; A História; A Concha e a Virgem; Sei Amar; Amanhã; Por um aí; Protesto; Fadário; O Assassino; A Uns Anos; Quando nas Horas; Retratação; Anelo; Que Me Pedes; O Ciúme; A Nuvem Doirada; Sonho de Virgem; Meu Anjo Escuta; Os Beijos; Desesperança; Se Queres Que Eu Sonhe; O Baile; Desalento; A Queda de Satanás ; Canção de Bug-Jargal; Agar no Deserto.**

#### HINOS

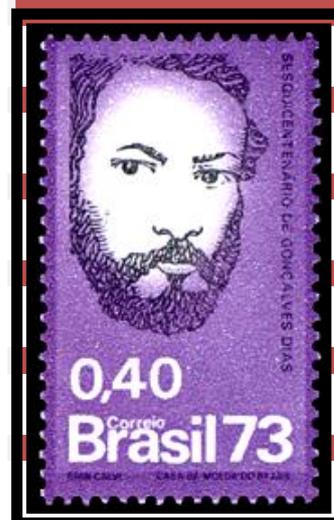
**O Meu Sepulcro; Saudades.**

“Quem quiser conhecer, numa obra perfeita e harmônica, o maior poeta de nossa terra, leia o “I-Juca-Pirama”.

**Olavo Bilac**

## ÚLTIMOS CANTOS

1851



### Canção do Tamoio

Não chores, meu  
filho;  
Não chores, que a  
vida  
É luta renhida:  
Viver é lutar.

A vida é combate,  
Que os fracos abate,  
Que os fortes, os bravos,  
Só pode exaltar.

### I-Juca Pirama

Assim o Timbira, coberto de  
glória,  
guardava a memória  
Do moço guerreiro, do velho  
Tupi.  
E à noite nas tabas, se  
alguém duvidava  
do que ele contava,  
tornava prudente:  
**Meninos, eu vi.**

Em janeiro de 1857, na cidade alemã de Dresden, Gonçalves Dias entregou ao livreiro-editor Brockhaus os três livros anteriores denominados “*Cantos*” anexando ao Segundos Cantos um conjunto de novos poemas com o título “Novos Cantos” onde estão incluídos: “Não me deixes”, “Se se morre de amor” e “Ainda uma vez – Adeus! –”, considerados os mais conhecidos da lírica amorosa romântica no Brasil. Além destes também foi entregue ao livreiro os quatro primeiros cantos de “Os Timbiras”, compostos dez anos antes. O restante foi perdido quando o poeta naufragou em 1864.

No mês de abril, foi lançada a primeira edição Brockhaus dos “Cantos: Coleção de Poesias”, em dois tomos. No mês de outubro foi lançado o livro “Os Timbiras”, ral. Obra dividida em uma introdução e quatro cantos. Poema épico com 2034 versos. Destaca os feitos heroicos dos guerreiros indígenas Timbiras e Gamelas. A dedicatória do poema é dirigida ao imperador do Brasil: “À Majestade do Muito Alto poderoso príncipe o senhor D. PEDRO II, Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil”.

Em 1858, foi publicado o *Dicionário da Língua Tupi*, chamada Língua Geral dos Indígenas do Brasil, com 4237 verbetes, em ordem alfabética, informando sobre a fauna e a flora brasileiras, como também grupos indígenas.

### NOVOS CANTOS

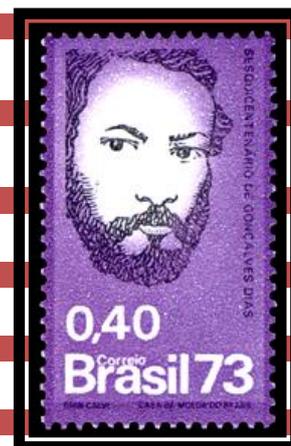
O homem Forte; *Dies Irae*; Espera!; A Saudade; Não Me Deixes; Zulmira; A uma Poetisa; Angelina; Rôla; Ainda uma Vez – Adeus!; O Sono; Se Eu Fosse Querido; A Flor do Amor; A Sua Voz; Se se Morre de Amor; A Morte é Vária.

### OS TIMBIRAS

Introdução; Canto Primeiro; Canto Segundo; Canto Terceiro; Canto Quarto.

## NOVOS CANTOS OS TIMBIRAS 1857

## DICIONÁRIO DA LÍNGUA TUPI 1858



## Ainda uma Vez - Adeus

Enfim te vejo! — enfim posso,  
Curvado a teus pés, dizer-te,  
Que não cessei de querer-te,  
Pesar de quanto sofri.  
Muito penei! Cruas ânsias,  
Dos teus olhos afastado,  
Houveram-me acabrunhado  
A não lembrar-me de ti!

## Os Timbiras

Decida-se a questão do esforço e brios.  
Estes, que vês, impávidos guerreiros,  
São meus, que me obedecem; se me vences,  
São teus; se és vencido, os teus me sigam:  
Aceita ou foge, que a vitória é minha”

Gonçalves Dias, ainda jovem, iniciou em Coimbra sua produção literária como dramaturgo quando escreveu em 1843 a peça *Patkull* e no ano seguinte *Beatriz Cenci*. O total de peças escritas foram quatro sendo *Leonor de Mendonça* em 1846 e *Boabdil* em 1850.

*Patkull*, foi escrito aos dezenove anos de idade, sendo a sua primeira obra para teatro baseada na história do político livônico Johann Reinhold Patkull, ambientada em 1707, no ducado de Mecklemburgo, em Dresden e em Casimir, junto a Posen na Polônia. Os personagens envolvidos no drama são: Patkull, gentil homem da Livônia; Paikel, alquimista; Namry Romhor, noiva de Patkull; Bertha, namorada de Paikel; Wolf, pajem; Um criado; Um mensageiro; Uma criada; Fleming; O rei Augusto. O texto só foi publicado após sua morte.

*Beatriz Cenci*, foi escrita aos vinte anos de idade, sendo a sua segunda obra para teatro, baseada no caso dramático da família italiana Cenci. Gonçalves Dias dramatizou a história dos Cenci, do século XVI, tendo por epílogo um parricídio. No Rio de Janeiro, em 1846, quando foi solicitada a aprovação da peça no Conservatório Dramático para entrar em cena, foi condenada por ter sido considerada imoral.

*Leonor de Mendonça*, escrita em 1846, no Rio de Janeiro, considerado um dos primeiros trabalhos teatrais do Brasil. É também assumido ser a sua melhor obra dedicada a dramaturgia. Trouxe o drama da “História Genealógica da Família Real Portuguesa” sendo os personagens principais: Leonor de Mendonça (Duquesa de Bragança), D. Jaime (Duque de Bragança) e Antônio Alcoforado. O tema é desenvolvido em Vila Viçosa de Portugal no ano 1442.

*Boabdil*, última criação dramática do poeta, escrita em 1850, traz a vida conjugal do rei mulçumano Boabdil, de Granada, Espanha, com Zorayma, sua mulher, envolvidos com outros personagens. A peça é desenvolvida acerca da cultura, história, símbolos e representações árabes. O drama destaca que Boabdil ao se dedicar mais à esposa descuidou da defesa do reino, da religião, facilitando a invasão espanhola que provocou a queda do último reino mouro na Espanha.

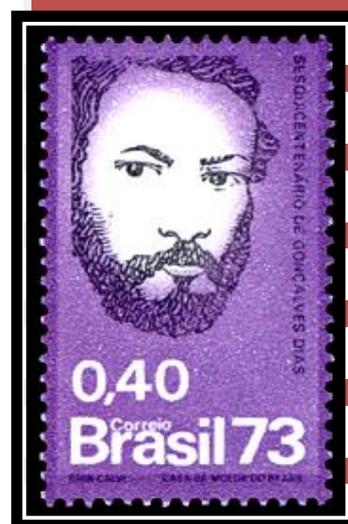
## ***Teatro de Gonçalves Dias***

***Patkull***

***Beatriz Cenci***

***Leonor de  
Mendonça***

***Boabdil***



**Ato V**

**BOABDIL**

.....

Pouco importa! Quando  
em uma casa se comete  
um grande delito,  
arrasam-se-lhe as  
paredes com o solo, e  
no lugar que ela deixou  
vasio planta-se  
canhamo e linho para  
que  
de todo se apague a  
lembrança  
do atentado cometido.

.....

## REFERÊNCIAS

**Antônio Henriques Leal – *Panteon Maranhense* - Ensaio Biographicos dos Maranhenses Ilustres Já Fallecidos– Lisboa, Tomo III, Lisboa, Imprensa Nacional, 1874.**

**Antônio Henriques Leal – *Obras Posthumas de A. Gonçalves Dias* – Precedidas de Uma Notícia da Sua Vida e Obras – Volume III**

**Antônio Henriques Leal – *Obras Posthumas de A. Gonçalves Dias* – Precedidas de Uma Notícia da Sua Vida e Obras – Volume V – Dramas, Leonor de Mendonça, Boaphil, San´Luiz do Maranhão, 1868.**

**Gonçalves Magalhães – *Memória histórica e documental da Revolução na Província do Maranhão desde 1839 até 1840* – Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – Tomo X.**

**J. M. de Macedo – *Elogio fúnebre de Gonçalves Dias* – Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – Tomo XXVII – 2ª parte.**

**Josué Montello – *Gonçalves Dias* – Ensaio biobibliográfico – Rio 1942.**

**Pereira, Lúcia Miguel, 1901-1959.**

***A vida de Gonçalves Dias*/Lúcia Miguel Pereira. Contendo o, Diário inédito da viagem de Gonçalves Dias ao Rio Negro, com 11 ilustrações fora do texto. – 1.reimpr. – Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2018 t. 536 p. : i1. – (Edições do Senado Federal : v.226)**

**Dias, A. Gonçalves, Viagem pelo rio Amazonas – Cartas do Mundus Alter / A. Gonçalves Dias. – Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2011. 156 p. : il. – (Edições do Senado Federal ; v. 151)**

**[https://www.google.com.br/books/edition/Pantheon\\_maranhense/ZB9btJG\\_tLwC?hl=en&gbpv=1&dq=navio+ville+de+boulogne&pg=PA367&printsec=frontcover](https://www.google.com.br/books/edition/Pantheon_maranhense/ZB9btJG_tLwC?hl=en&gbpv=1&dq=navio+ville+de+boulogne&pg=PA367&printsec=frontcover)**

**<http://www.revista.brasil-europa.eu/133/Goncalves-Dias-na-Europa-Central.html>**

**<http://academiafriburguensedeletras.blogspot.com/2015/01/biografia-dos-patronos-goncalves-dias.html>**

**<https://daraujousinaliteraria.blogspot.com/2020/06/domingo-na-usina-biografias-goncalves.html?sref=pi>**

**<https://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2012/05/008-009-179.pdf>**

**[https://www.academiamaranhense.org.br/inf\\_aml/goncalves-dias/](https://www.academiamaranhense.org.br/inf_aml/goncalves-dias/)**

**<https://www.revistaprosaveroearte.com/goncalves-dias-poemas/>**

**[https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-13072007-114942/publico/TESE\\_ANDREA\\_SLEMIAN.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-13072007-114942/publico/TESE_ANDREA_SLEMIAN.pdf)**

**<http://cafelivroearte.blogspot.com/2011/09/primeiros-cantos-1846-goncalves-dias.html>**

**<https://drive.google.com/file/d/1POrWxVujdMjczprZ9iuP36DIXVXfhqid/view>**

**[https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/4423/1/006472\\_COMPLETO.pdf](https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/4423/1/006472_COMPLETO.pdf)**

**<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4423>**

**[https://www.google.com.br/books/edition/Pantheon\\_maranhense/ZB9btJG\\_tLwC?hl=en&gbpv=1&dq=navio+ville+de+boulogne&pg=PA367&printsec=frontcover](https://www.google.com.br/books/edition/Pantheon_maranhense/ZB9btJG_tLwC?hl=en&gbpv=1&dq=navio+ville+de+boulogne&pg=PA367&printsec=frontcover)**

**[https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/doente-e-esquecido-em-um-naufragio-a-tragica-morte-do-poeta-goncalves-dias.phtml?utm\\_source=site&utm\\_medium=txt&utm\\_campaign=copypaste](https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/doente-e-esquecido-em-um-naufragio-a-tragica-morte-do-poeta-goncalves-dias.phtml?utm_source=site&utm_medium=txt&utm_campaign=copypaste)**

**<https://www.facetubes.com.br/noticia/3679/mais-um-texto-maravilhoso-escrito-por-edmilson-sanches-sobre-os-200-anos-de-goncalves-dias>**

**[https://www.google.com.br/books/edition/Pantheon\\_maranhense/ZB9btJG\\_tLwC?hl=en&gbpv=1&dq=navio+ville+de+boulogne&pg=PA367&printsec=frontcover](https://www.google.com.br/books/edition/Pantheon_maranhense/ZB9btJG_tLwC?hl=en&gbpv=1&dq=navio+ville+de+boulogne&pg=PA367&printsec=frontcover)**

**[https://digital.bbm.usp.br/browse?type=subject&sort\\_by=1&order=ASC&rpp=20&etal=-1&value=LITERATURA+BRASILEIRA&offset=40](https://digital.bbm.usp.br/browse?type=subject&sort_by=1&order=ASC&rpp=20&etal=-1&value=LITERATURA+BRASILEIRA&offset=40)**

**<https://eziquio.wordpress.com/2017/02/09/os-amores-de-ana-amelia-parte-i/>**

**<https://eziquio.wordpress.com/2020/07/31/1823-2023-tres-anos-para-o-bicentenario/>**

**<https://www.coletivoleitor.com.br/wp-content/uploads/2020/03/poesia-lirica-e-indianista.pdf>**

**[https://www.persee.fr/doc/carav\\_1147-6753\\_1997\\_num\\_68\\_1\\_2733](https://www.persee.fr/doc/carav_1147-6753_1997_num_68_1_2733)**

**[https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/doente-e-esquecido-em-um-naufragio-a-tragica-morte-do-poeta-goncalves-dias.phtml?utm\\_source=site&utm\\_medium=txt&utm\\_campaign=copypaste](https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/doente-e-esquecido-em-um-naufragio-a-tragica-morte-do-poeta-goncalves-dias.phtml?utm_source=site&utm_medium=txt&utm_campaign=copypaste)**

**<http://cafelivroearte.blogspot.com/2011/09/primeiros-cantos-1846-goncalves-dias.html>**

**<https://drive.google.com/file/d/1POrWxVujdMjczprZ9iuP36DIXVXfhqid/view>**



